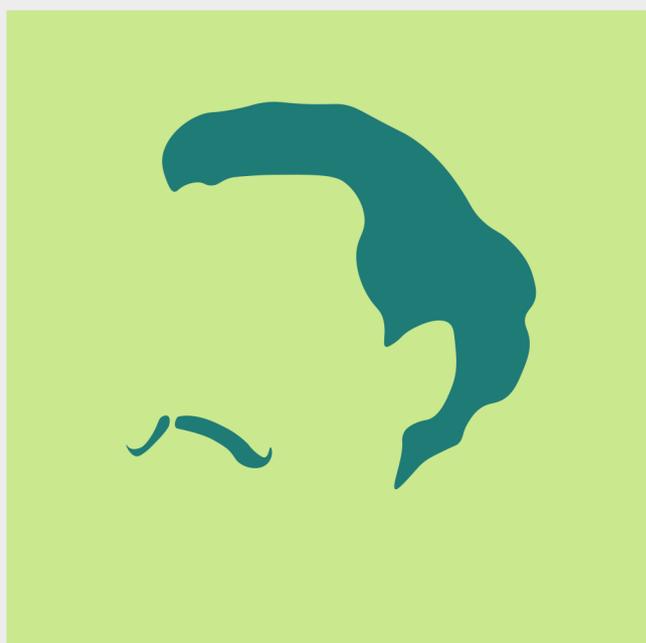
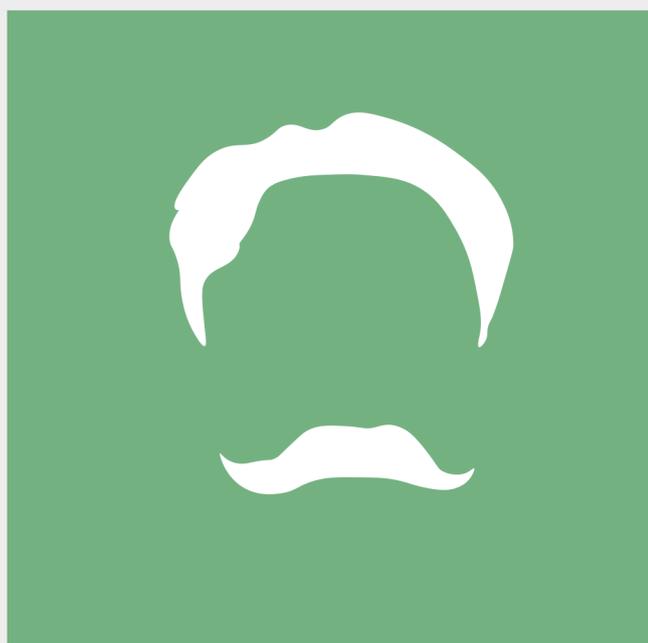
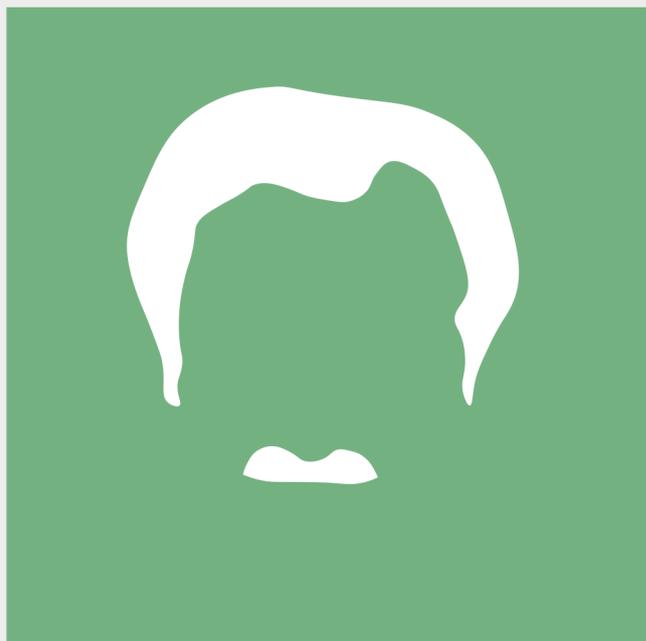
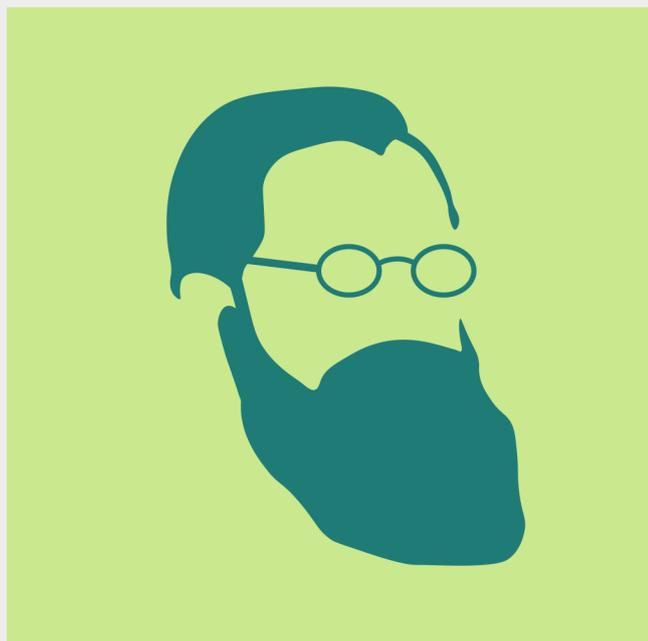


ESCRITORES BRASILEIROS

JOSÉ DE ALENCAR JORGE AMADO CASTRO ALVES JOAQUIM NABUCO



ESCRITORES BRASILEIROS

JOSÉ DE ALENCAR JORGE AMADO CASTRO ALVES JOAQUIM NABUCO



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Escritores brasileiros [livro eletrônico] /
organização Angela Maria Roberti
Martins...[et al.]. -- Rio de Janeiro :
Laboratório de Pesquisa e Práticas de Ensino -
LPPE, 2023. -- (Série escritores)
PDF

Vários autores.

Outros organizadores: Flaviano Bugatti,
Alexandra Dias Ferraz Tedesco, Jacqueline
Ventapane de Freitas, Ingrid Souza Ladeira
de Souza.

ISBN 978-65-981437-0-1

1. Alencar, José de, 1829-1877 - Crítica e
interpretação 2. Alves, Castro, 1847-1871 -
Crítica e interpretação 3. Amado, Jorge,
1912-2001 - Crítica e interpretação
4. Literatura brasileira 5. Nabuco,
Joaquim, 1849-1910 - Crítica e interpretação
I. Martins, Angela Maria Roberti. II. Bugatti,
Flaviano. III. Tedesco, Alexandra Dias Ferraz.
IV. Freitas, Jacqueline Ventapane de.
V. Souza, Ingrid Souza Ladeira de.
VI. Série.

23-171937

CDD-B869.909

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Apreciação crítica
B869.909

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Créditos

Reitor

Mario Sergio Alves Carneiro

Pró-Reitoria de Graduação- PR1

Lincoln Tavares Silva

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa- PR2

Luis Antonio Campinho Pereira da Mota

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura- PR3

Cláudia Gonçalves de Lima

Pró-Reitoria de Políticas e Assistência Estudantis- PR4

Catia Antonia da Silva

Pró-Reitora de Saúde- PR5

Rogério Lopes Rufino Alves

Centro de Ciências Sociais

Dirce Eleonora Nigro Solis

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Direção: Jaime Antunes da Silva

Vice Direção: Mônica Leite Lessa

Departamento de História

Chefe: Camila Borges da Silva

Subchefe: Nívia Pombo

Coordenação de Licenciatura: Angela Roberti

Coordenação de Bacharelado: Érica Sarmiento

Programa de Pós-Graduação em História

Coordenação: Alexandre Belmonte

Vice coordenação: Marina Monteiro Machado

Coordenação do Laboratório de Pesquisa e Práticas de Ensino em História (LPPE)

Profª Drª Angela Maria Roberti Martins

Prof Dr. Flaviano Bugatti

Profª Drª Alexandra Dias Ferraz Tedesco

Organização do E-book

Profª Drª Angela Maria Roberti Martins

Prof Dr. Flaviano Bugatti

Profª Drª Alexandra Dias Ferraz Tedesco

Drª Jacqueline Ventapane de Freitas

Msª Ingrid Souza Ladeira de Souza

Programação visual

Patrick Dansa

Bolsistas

Aritusa Bastos, Daniele Figueiredo, Pétrin Ribeiro, Arthur Teixeira, Júlia Malheiros

Agradecimentos

Uma obra é sempre o resultado de um esforço coletivo. O material que o leitor tem a oportunidade de acessar agora foi lançado originalmente em 2006 no formato de CD-ROM e distribuído gratuitamente em escolas da rede pública de educação no Rio de Janeiro.

Muitas pessoas, portanto, se empenharam na produção desse material sobre Escritores Brasileiros em formato CD-ROM. A todos desejamos registrar nossos sinceros agradecimentos.

Às Professoras Doutoras Edna Maria dos Santos, Maria Teresa Toribio de Lemos, Rosângela Zagaglia pelo interesse e dedicação a esse relevante trabalho.

À Jacqueline Ventapane, Gabriela Rizo e Maria Helena dos Santos (in memoriam) pela pesquisa que desenvolveram.

Por fim, somos gratos a Pedro Araújo Oliveira, programador visual, pelo empréstimo de sua arte no computador.

Se hoje podemos transformar o antigo CD-ROM em e-book, deve-se à iniciativa, ao trabalho e empenho de todos que foram mencionados.

Da mesma forma, é preciso agradecer a toda a equipe do LPPE que se empenhou na transformação do antigo CD-ROM em e-book. Nosso trabalho permitiu que o conhecimento produzido anteriormente pudesse ser oferecido atualmente como livro digital. Desse modo, Escritores Brasileiros pode ser facilmente acessado e compartilhado através de computadores, celulares, tablets, e sempre adaptável às preferências e necessidades do leitor.

Prof^a Dr^a Angela Roberti e equipe LPPE

SUMÁRIO

Apresentação	7
Parte 1: Escritores	8
Jorge Amado	9
José de Alencar	14
Castro Alves	21
Joaquim Nabuco	27
Parte 2: Entrevistas	33
Entrevista com Myriam Fraga sobre Jorge Amado	34
Entrevista com Antonio Edmilson sobre José de Alencar	36
Entrevista com Myriam Fraga sobre Castro Alves	38
Entrevista com Maria Emília Prado sobre Joaquim Nabuco	40

APRESENTAÇÃO

Em 2006, o Laboratório de Pesquisa e Práticas de Ensino em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro iniciou a produção da Série Escritores, consistindo na elaboração de verbetes sobre alguns importantes nomes da literatura brasileira e internacional e abordando a relação entre suas escritas e seu fazer político.

A série foi feita no formato de CD-ROM, considerando que, naquele início, era essa a ferramenta mais acessível às escolas, professores e alunos, já que não se consolidara, de maneira tão abrangente como vemos atualmente, o uso da internet, especialmente em regiões mais carentes e/ou distantes. Essa série foi parte do projeto do Laboratório para a produção de diversos materiais para uso didático, buscando disseminar o conhecimento produzido na universidade junto à sociedade.

Quando falamos de material didático, entendemos que este não é apenas o recurso disponível para transmissão de um saber, já que envolve, também, a proposta didática de quem o utiliza no processo ensino-aprendizagem. As próprias Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior tratam da necessidade de se conhecer as diversas linguagens, tecnologias e inovações para o exercício da docência. Foi nesta perspectiva que o LPPE criou o projeto “Produção de Material Didático”, antes mesmo da Resolução nº 2/2015, com o objetivo de produzir materiais voltados para auxiliar o docente em sua função no Ensino de História, além de permitir aos alunos terem acesso a temas usualmente poucos trabalhados nas salas de aulas, contribuindo para a reflexão do saber no campo da História, como o caso da Série Escritores.

O primeiro trabalho da série trouxe quatro escritores do panorama dos pensadores brasileiros que participaram da formação do pensamento nacional dos séculos XIX e XX. José de Alencar, Castro Alves, Joaquim Nabuco e Jorge Amado são apresentados em verbetes que abordam suas trajetórias de vida inseridas no contexto político, dialogando com suas obras, também relacionadas nos verbetes. Além disso, foram realizadas entrevistas com intelectuais que tinham esses autores como objetos de estudo e pesquisa, aprofundando os aspectos dessas relações.

Esse primeiro CD-ROM, intitulado Escritores Brasileiros, foi distribuído, gratuitamente, mas a velocidade da tecnologia levou a que não mais fosse tão acessível, até mesmo porque leitores deste tipo de suporte já não são encontrados facilmente, optando-se pelo uso das redes de internet. Desta forma, vimos que sua transformação em um e-book, um suporte que tem se disseminado de maneira mais ampla, mais fácil e que permite que se veja esse material, na verdade, um livro, não produzido em papel, seria fundamental para que retomássemos esse conhecimento e a divulgação junto àqueles que pouco acesso tem a ele. Texto e imagem, com a produção primorosa das representações desses autores em desenhos inéditos, reforçam, assim, a importância da literatura na constituição do pensamento brasileiro.

Dr^a Jacqueline Ventapane (LPPE/UERJ)

PARTE 1

ESCRITORES

JORGE AMADO

JORGE AMADO

Jorge Amado nasceu a 10 de agosto de 1912, na fazenda Auricídia, no distrito de Ferradas, Itabuna, no sul do Estado. A Bahia sempre foi sua marca registrada, que ligada a seu nome, virou uma espécie de “grife”, conhecida no mundo inteiro.

Filho do fazendeiro de cacau João Amado de Faria e de Eulália Leal Amado, com um ano de idade foi para Ilhéus, onde passou a infância e adolescência. Ilhéus, aliás, é cenário de quase todas as suas obras. Aos 15 anos, esse menino precoce, já trabalhava no “Diário da Bahia”, sendo o jornalismo, sua primeira profissão.

Começou a fazer literatura aos 17 anos, e seu primeiro romance “Lenita”, escrito em parceria com Dias da Costa e Édson Carneiro, não chegou a ser reeditado, porque, segundo o próprio Jorge, “era tão ruim a ponto de ser escrito a seis mãos”.

Em 1931, publica realmente seu primeiro romance, “O país do carnaval” e em 33 casou-se com Matilde Garcia Rosa, com quem teve uma filha, Lilá. Nesse mesmo ano publicou “Cacau”, seu segundo romance.

Comunista convicto, em 1935 se formou pela Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro, mas foi obrigado a se exilar na Argentina e Uruguai entre 1941 e 42. Ao voltar, em 44, separou-se de Matilde e um ano depois estava casado com Zélia Gattai, companheira até o final de sua vida.

Jornalismo, literatura e, finalmente, a política, foram suas grandes paixões. O militante comunista, autor de “Subterrâneos da Liberdade” e “O cavaleiro da esperança”, em homenagem a Luís Carlos Prestes, foi preso em 1936, 37, 42 e 45. Seus livros chegaram a ser queimados em praça pública, em Salvador, em 37. Em 1945 foi o deputado federal mais votado em São Paulo pela legenda do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Jorge Amado foi o autor da lei, ainda hoje em vigor, que assegura o direito à liberdade de culto religioso.

Cassado em 1947, ano do nascimento de João Jorge, seu primeiro filho com Zélia, teve que se exilar com a família na França de onde foi expulso em 50. Em 49 morre no Rio de Janeiro sua primeira filha Lilá. Entre 50 e 52 viveu na Tchecoslováquia, onde nasceu a filha Paloma. De volta ao Brasil, afastou-se em 55 da militância política mas sem deixar os quadros do Partido Comunista.

Em 1958, já totalmente dedicado à literatura, lança “Gabriela, Cravo, Canela”, uma de suas obras-primas, que junto com “Dona Flor e seus Dois Maridos”, ambas conhecidas internacionalmente, foram transformadas em novela e filme lançando a atriz Sônia Braga, como sua musa. Em 6 de abril de 1961 foi eleito para a cadeira nº 23 da Academia Brasileira de Letras, que pertencia a José de Alencar.

A obra literária de Jorge Amado teve várias adaptações para o cinema, teatro e televisão, além de ter sido tema de várias escolas de samba em todo o Brasil. No Carnaval do Rio, em 1988, o escritor foi homenageado pela escola de samba Império Serrano. Seus livros foram traduzidos em 55 países, em 49 idiomas, existindo também exemplares em braile e fitas gravadas para cegos.

Doutor “Honoris Causa” por diversas universidades, Jorge Amado se orgulha do título de honra da Umbanda: Obá Otun Arolu do Aché do Apô Afonjá. Obá Otun significa Jorge. Até na música o mestre Jorge teve seu nome incluído. É autor da letra “É Doce Morrer no Mar”, gravada por seu grande amigo Dorival Caymmi.

Em 1987 foi inaugurada em Salvador, no Largo do Pelourinho, a Fundação Casa de Jorge Amado, que abriga e preserva seu acervo e objetiva desenvolver as atividades culturais na Bahia. Na belíssima casa com fachada em azul e janelas recortadas em arco, que domina toda

a praça, uma placa registra a intenção do escritor: “O que desejo é que nesta Casa o sentido de vida da Bahia esteja presente e que isto seja o sentimento de sua existência.”

Jorge Amado morreu em Salvador no dia 6 de agosto de 2001. Foi cremado e suas cinzas enterradas nos jardins de sua casa na Rua Alagoinhas, em 10 de agosto, quando completaria 89 anos.

Principais obras de Jorge Amado

Mar Morto: O escritor é preso pela primeira vez, em 1936, no Rio de Janeiro, por suas atividades políticas, e ao sair sem um tostão, aceita a proposta do editor José Olympio e escreve o livro. “Mar Morto” fala do romance de Guma, criado no cais da Bahia, pela meiga Lívia.

O escritor fez questão de ressaltar a vida dos pescadores do cais do porto baiano e inspirou Dorival Caymmi na canção “É doce morrer no mar”. A história foi tema da novela “Porto dos Milagres”, exibida em 2001. O romance que recebeu o Prêmio Graça Aranha, foi publicado em Portugal e traduzido para o alemão, búlgaro, chinês, espanhol, francês, grego, hebraico, húngaro, inglês, islandês, italiano, polonês, russo, sueco, tcheco e turco.

Gabriela, Cravo e Canela: Sucesso internacional, detentor de vários prêmios, sendo o primeiro no ano seguinte a sua 1ª edição, 1958, Prêmio Machado de Assis, do Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, o romance retrata o universo dos coronéis, jagunços, prostitutas e trambiqueiros de calibre variado que desenham o horizonte da sociedade cacauera em Ilhéus. É uma explosão de luz, cor, som, sexo e riso. O sucesso é tão grande que de livro se transforma em filme, telenovela, fotonovela, quadrinhos, canção. Sônia Braga vira musa na novela e no filme e o nome Gabriela se torna popular, sendo utilizado para denominar bares, restaurantes, cosméticos e até suco de cacau.

Dona Flor e seus Dois Maridos: Romance inscrito em 1966. Inspirado na história de uma conhecida que tinha sido casada com um boêmio que depois de morto voltou para perturbar seus sonhos e seu novo casamento com um português bem comportado, o escritor lança mais um sucesso internacional: a história de Flor, dona da conceituada Escola de Culinária Sabor e Arte, e seu relacionamento com o boêmio Vadinho, que vivia “perdendo dinheiro e ganhando mulheres”, e que depois de morto resolve voltar para importunar sua amada e perturbar seu casamento com o discreto farmacêutico Teodoro.

Jorge Amado mostra, com Dona Flor, Gabriela, e outros romances, que seu principal objetivo era escrever para o povo. Para isso, necessitava de uma linguagem marcada pela oralidade para recuperar as várias modalidades dos falares populares e de seu imaginário.

Cacau, Suor: Romances publicados em 1933 e 1934. Reforçam a postura de crítica a uma sociedade que não dava espaços ao proletariado, mantendo-o na pobreza, só-lhes restando ocupar habitações miseráveis, como os cortiços da Ladeira do Pelourinho, lugar dos escravos no passado e dos excluídos no presente.

Capitães de Areia: Escrito em 1937. O personagem principal, Pedro Bala, chefe de

um bando de meninos de rua, encontra nas suas lutas e na de seus companheiros uma forma de evidenciar o tema da infância abandonada. Pedro lembra o personagem Baldo de Jubiabá. Ambos são heróis e, ao mesmo tempo, vítimas dos confrontos sociais.

Terras do Sem-fim e São Jorge dos Ilhéus: Romances de 1943 e 1944, tratam da análise do interior brasileiro, da cultura cacauzeira do sul da Bahia, das relações de poder dos coronéis e da violência exercida contra os camponeses.

A Descoberta da América pelos turcos: Este romancinho, como dizia o próprio José Amado, narra a história da chegada do árabe Jamil Bichara à Itabuna, no início do século XX. Os turcos Jamil Bichara e Raduan Murad se “fazem brasileiros” em busca de dias mulheres. Neste percurso começa uma árdua campanha para desencilhar Adma Jafet, solteira feia e recatada. Não há turcos na história e sim, árabes, sírios e libaneses que descobriram o Brasil e foram fazer fortuna na região cacauzeira da Bahia. A obra foi escrita inicialmente na Bahia, em julho, e finalizada em Paris, em outubro de 1991, encomendada para comemorar o Quinto Centenário da Descoberta da América.

Principais obras de Jorge Amado

O País do Carnaval. Rio de Janeiro: Record, 1931, romance

Cacau. Rio de Janeiro: Record, 1933, romance

Suor. Rio de Janeiro: Record, 1934, romance

Jubiabá. Rio de Janeiro: Record, 1935, romance

Mar Morto. Rio de Janeiro: Record, 1936, romance

Capitães da Areia. Rio de Janeiro: Record, 1937, romance

ABC de Castro Alves. Rio de Janeiro: Record, 1937, romance

O Cavaleiro da Esperança. Rio de Janeiro: Record, 1942, biografia

Terras do sem fim. Rio de Janeiro: Record, 1943, romance

São Jorge do Ilhéus. Rio de Janeiro: Record, 1944, romance

Baía de Todos os Santos. Rio de Janeiro: Record, 1945, guia da cidade

Seara Vermelha. Rio de Janeiro: Record, 1946, romance

O amor do soldado. Rio de Janeiro: Record, 1947, peça teatral

O mundo da paz. Rio de Janeiro: Record, 1951, guia de viagem

Os subterrâneos da liberdade. Rio de Janeiro: Record, 1954, romance

Gabriela, Cravo e Canela. Rio de Janeiro: Record, 1958, romance

A morte e a morte de Quincas Berro D'água. Rio de Janeiro: Record, 1961, romance

Os velhos marinheiros. Rio de Janeiro: Record, 1961, romance

Os pastores da noite. Rio de Janeiro: Record, 1964, romance

Dona Flor e seus dois maridos. Rio de Janeiro: Record, 1966, romance

Tenda dos milagres. Rio de Janeiro: Record, 1969, romance

Tereza Batista cansada de guerra. Rio de Janeiro: Record, 1972, romance
O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá. Rio de Janeiro: Record, 1976, romance
Tieta do Agreste. Rio de Janeiro: Record, 1977, romance
Farda, fardão, camisola de dormir. Rio de Janeiro: Record, 1979, romance
O menino grapiúna. Rio de Janeiro: Record, 1981, memória
A bola e o goleiro. Rio de Janeiro: Record, 1984, infantil
Tocaia grande. Rio de Janeiro: Record, 1984, romance
O sumiço da santa: uma história de feitiçaria. Rio de Janeiro: Record, 1988, romance
Navegação de cabotagem. Rio de Janeiro: Record, 1992, memória
A descoberta da América pelos turcos. Rio de Janeiro: Record, 1992, romance
Milagre dos pássaros. Rio de Janeiro: Record, 1997, romance

Bibliografia sobre o autor

ALBERGARIA, Consuelo. *O romance nordestino de 30*. In: *Cultura* nº 20- Brasília, 1976.

CUNHA, Helena Parente. *A literatura carnavalesca de Jorge Amado- perspectivas-* Faculdade de Letras UFRJ, 1984

DUARTE, Eduardo. *Jorge Amado: Romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record, 1996

FRAGA, Myriam. *Jorge Amado*. São Paulo: Editora Moderna, 2003. Coleção Mestres da Literatura

GOLDSTEIN, Ilana, Seltzer. *O Brasil best-seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional*. São Paulo: Editora Senac, 2003

Vários autores. *Jorge Amado: ensaios sobre o escritor*. Salvador: UFBA



JOSÉ DE ALENCAR

JOSÉ DE ALENCAR

José Martiniano de Alencar nasceu em 1º de maio de 1829 em Mecejana, Ceará, e morreu de tuberculose, aos 48 anos, no Rio de Janeiro, em 12 de dezembro de 1877. Filho do padre José Martiniano de Alencar (deputado pela província do Ceará, ele foi fruto de uma união ilícita e particular do padre com a prima Ana Josefina de Alencar. Quando criança e adolescente era tratado pela família por Cazuzá. Mais tarde, adulto, ficou conhecido nacionalmente como José de Alencar, um dos maiores escritores românticos do Brasil.

Escritor, político e advogado, José de Alencar, fez curso de Humanidades no Rio de Janeiro e formou-se em Direito em São Paulo, onde teve como colegas de turma os poetas Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães. Foi ministro da Justiça (1868-1870) e Senador do Império. Um de seus descendentes foi o presidente Humberto de Alencar Castelo Branco. Em 1846, aos 17 anos incompletos, começa o curso na Faculdade de Direito de São Paulo e aos 18 anos já tinha esboçado seu primeiro romance, “Os contrabandistas”. Formou-se em Direito em 1850 e no ano seguinte já estava de volta ao Rio de Janeiro, trabalhando num escritório de advocacia.

Em setembro de 54 estreava como folhetinista no “Correio Mercantil” assinando uma seção nova chamada “Ao correr da pena”. O folhetim, muito em moda na época, era um misto de jornalismo e literatura com crônicas leves, tratando de acontecimentos sociais, de teatro, política, enfim do cotidiano da cidade. Alencar estava com 25 anos e obteve sucesso imediato no jornal onde trabalharam posteriormente Machado de Assis (dez anos mais jovem que ele) e Joaquim Manuel de Macedo. Assim como foi rápido o sucesso, a duração também foi curta. Tendo o jornal censurado um de seus artigos, o escritor desligou-se de sua função.

Alencar começaria então nova atividade como redator-chefe do “Diário do Rio de Janeiro”, outrora um jornal bastante influente, que passava naquele momento por séria crise financeira. O escritor e alguns amigos resolveram comprar o jornal e tentar ressuscitá-lo investindo dinheiro e trabalho. O jornalista vai trazer consigo, de volta, o romancista. Em 56 o romance “Cinco Minutos” nasce na mesa de redação e é transformado em único volume para servir de brinde de fim de ano aos assinantes da folha. Com “Cinco Minutos” e logo em seguida “A viuvinha” Alencar inaugura uma série de obras em que buscava retratar o modo de vida na corte. Foi nesse jornal que Alencar travou sua primeira polêmica literária e política contra o imperador D. Pedro II. Sob o pseudônimo “Ig”, e utilizando o jornal como veículo, o escritor questiona a qualidade da obra “A confederação dos Tamoios”, de Gonçalves de Magalhães, elogiada e patrocinada pelo imperador. Alencar discutia o verdadeiro nacionalismo na literatura brasileira, considerava a cultura indígena um assunto privilegiado e contestava a maneira como foi tratado por Magalhães: “As virgens índias do seu livro podem sair dele e figurar em uns romances árabe, chinês ou europeu (...) o senhor Magalhães não só não conseguiu pintar a nossa terra como não soube aproveitar todas as belezas que lhe ofereciam os costumes e tradições indígenas...”

Em 57 Alencar estréia como autor de teatro com a peça “Verso e reverso”, em que focalizava o Rio de Janeiro de sua época. No mesmo ano, o enredo da peça “O crédito” antecipava um problema que o país logo iria enfrentar: a desenfreada especulação financeira, responsável por grave crise político-econômico. Em 58 teve sua peça “As asas de um anjo” proibida pela censura, que a considerou imoral. Escreveu o drama “Mãe”, levada ao palco em 60, ano em que morreu seu pai. Produziu ainda a opereta “A noite de São João” e a peça “O jesuíta”.

Eleito deputado e depois nomeado ministro da Justiça, Alencar acirrou sua polêmica contra o imperador D. Pedro II ao ponto deste ter vetado sua indicação para o Senado, apesar

de ter sido o candidato mais votado de uma lista tríplice.

O século XIX, em sua segunda metade, foi uma época rica em projetos de construção da nacionalidade no Brasil. País escravocrata e monárquico, durante todo o período imperial, face às transformações industriais mundiais, devido aos novos interesses de cafeicultores paulistas e aos movimentos de libertação organizados pelos próprios escravos, o final do século XIX brasileiro vai debater questões abolicionistas e republicanas. José de Alencar atuou em todas as questões políticas do século XIX. Escreveu romances valorizando e discutindo o papel do homem em relação à natureza, foi legislador propondo a organização de um novo sistema eleitoral, enfim, para José de Alencar, política e literatura caminhavam juntas.

Foi a questão dos escravos que mais aborrecimentos trouxe ao escritor. Manifestando-se contra a lei do Ventre Livre (1871), tomava ele partido ao lado dos escravocratas, despertando a ira de pessoas que, no país inteiro, considerava a aprovação dessa lei uma questão de honra nacional.

Apaixona-se por Chiquinha Nogueira da Gama herdeira de uma das grandes fortunas da época, mas não é correspondido. Somente aos 35 anos, refeito do orgulho ferido, ele iria experimentar, na realidade, a plenitude amorosa tão bem inventada para o final de muitos dos seus romances. Em 20 de junho de 1864 casa-se com Georgiana Cochrane, filha de um rico inglês.

Além do romance urbano e indianista, o escritor ainda incorporaria outros aspectos do Brasil em sua obra. Romances como *Til*, *O tronco do ipê*, *O sertanejo* e *O gaúcho*, mostram as peculiaridades culturais da nossa sociedade rural, com acontecimentos, paisagens, hábitos, maneiras de falar, vestir e se comportar diferentes da vida na Corte. Não parou aí a investigação do escritor. Servindo-se de fatos e lendas de nossa história, Alencar criaria ainda o chamado romance histórico. Nessa categoria estão “*Guerra dos mascates*”, “*As minas de prata*” e “*Os alfarrábios*”. Em *Guerra dos mascates*, personagens ficcionais escondem alguns políticos da época e até o próprio imperador (que aparece sob a pele do personagem Castro Caldas). As minas de prata passam no século XVIII, uma época marcada pelo espírito de aventura. É considerado o seu melhor romance histórico.

Na obra de Alencar há quatro tipos de romances: indianista, urbano, regionalista e histórico. Evidentemente essa classificação é muito esquemática, pois cada um de seus romances apresenta aspectos que merecem ser analisados.

Em 1876 leiloa tudo o que tinha e vai, com a mulher Georgiana e os seis filhos, para a Europa em busca de tratamento para a sua saúde precária. Seu estado de saúde se agrava e muito mais cedo do que esperava, volta ao Brasil. Morre, tuberculoso, a 12 de dezembro de 1877, no Rio de Janeiro, aos quarenta e oito anos de idade. Deixaria um filho, Mário de Alencar, que lhe herdaria também a vocação literária. Sobre a obra paterna, Mário diria: “A sua obra firmou e completou a distinção nacional da literatura brasileira”.

Principais obras de José de Alencar

O romance indianista: *O Guarani*, *Iracema*, *Ubirajara*. Esse romance, de caráter lírico, temático, aproveita o mito e o símbolo como elemento estético. O mito do “bom selvagem” (*Peri*, *Iracema* e *Poti*) que contrasta com a ganância e a falsidade do civilizado europeu.

O romance histórico: *As minas de prata*, *A Guerra dos Mascates*, *O Guaratuja*, *Alfarrábios*. Explorou o mito do tesouro escondido, a lenda das riquezas inesgotáveis da nova terra descoberta que atraiu ondas de imigrantes e aventureiros, as lutas pela posse definitiva da terra e

alargamento das fronteiras. Mas o histórico é mero pretexto para a trama novelesca e aventuras da imaginação.

O romance urbano: Cinco Minutos, AViuvinha, Lucíola, Diva, A pata da gazela, Sonhos d'Ouro, Senhora e Encarnação.

Retrata a vida carioca, com sua gente e costumes. Dramas morais, tipos femininos complicados, problemas de amor e do casamento com o patriarcalismo determinando as uniões dos filhos – são outros tantos temas para as novelas de Alencar que nelas realiza considerável levantamento da vida burguesa brasileira do seu tempo. Em Lucíola e Senhora já se notam prenúncios do Realismo.

O romance regionalista: Um dos aspectos mais admiráveis do autor. Nos dá um painel das principais regiões culturais do país. A região sulina, com seus pampas e suas coxilhas estão representadas em O gaúcho; a vida rural fluminense em O tronco do ipê; o planalto paulista em Til e o Nordeste aparecem em O sertanejo. Como no caso do romance histórico, não é a realidade, a verdade em si, que atrai o romancista, e sim o tema que possibilita dar larga à fantasia, ao seu estilo épico e ao desejo de lançar os fundamentos de uma literatura nacional.

Iracema

“A virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longo que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado”.

“Pousando a criança nos braços paterno, a desventurada mãe desfaleceu, como a jetica, se lhe arrancam o bulbo. O esposo viu então como a dor tinha consumido seu belo corpo; mas a formosura ainda morava nela, como o perfume na flor caída do manacá”.

Numa atmosfera lendária, de exótica e delicada poesia, desenrola-se a história triste dos amores de Martim, primeiro colonizador português do Ceará, e Iracema, jovem e bela índia tabajara, filha de Araquém, pajé da tribo. Martim saíra à caça com seu amigo Poti, guerreiro pitiguara, e perdera-se do companheiro, indo ter aos campos dos inimigos tabajaras. Encontra Iracema, que o acolhe na cabana de Araquém, enquanto volta Caubi, seu irmão, que reconduziria o guerreiro branco, são e salvo às terras pitiguaras. Iracema, porém, apaixonou-se por Martim, traindo o segredo de Jurema, que guardava como virgem de Tupã. Acompanha o esposo, deixando na sua tribo um ambiente de revolta, acirrado pelos ciúmes de Irapuã, destemido chefe tabajara. Desencadeia-se a guerra da vingança, e os tabajaras são derrotados; Iracema confunde as venturas do amor com as amargas tristezas que despertam os campos juncados de cadáveres de seus irmãos. Ao remorso e saudade outra dor se lhe acrescenta; o arrefecimento do amor de Martim que, para amenizar a nostalgia da pátria distante, ausenta-se em longas e demoradas jornadas. Num dos seus regressos, encontra Iracema às portas da morte, exausta pelo esforço que fizera para alimentar o filhinho recém-nascido, a quem dera o nome de Moacir, literalmente na sua língua, filho da dor. Martim enterra o corpo da esposa e parte, levando o filho e a saudade da fiel companheira.

Na obra predomina o gênero épico, caracterizado pela presença de um narrador, pela observação e pela visão do mundo exterior. A técnica narrativa utilizada é a terceira pessoa, com o narrador onipresente e onisciente, sabe tudo o que se passa ao seu redor e uma linguagem extremamente poética.

O Guarani

Como observa o próprio Alencar, nas “notas do autor”, o título dado ao livro – “O Guarani” – significa o indígena brasileiro”.

Peri, pois, protagonista da história, seria não só o representante da grande nação tupi-guarani (da tribo dos goitacás), como também o símbolo aborígine brasileiro em geral. O Guarani foi publicado, inicialmente, sob a forma de “folhetim”, de fevereiro a abril de 1857. Segundo consta, sua publicação fez grande sucesso na época, sendo os exemplares do jornal, em que era publicado, disputados avidamente pelo público leitor. O interesse era, talvez, semelhante ao que acontece hoje com as novelas de televisão. O Guarani é um livro estruturado bem ao gosto romântico, pois o enredo contém ingredientes que lhe são próprios: amor, aventuras, vilões, além do exótico e do pitoresco dos personagens e do cenário. Em O Guarani, se contam as dramáticas lutas do fidalgo português D. Antônio de Mariz contra os índios que lhe assediam a casa e as terras. Encontra D. Antônio de Mariz leal e dedicado aliado na pessoa do índio Peri, fascinado pela beleza celestial de Cecília, filha de D. Antônio. Peri salva mais de uma vez a vida de Ceci, como a chamava, e, tornado cristão, recebe do fidalgo português a missão de salvar-lhe a filha quando, impossibilitado de resistir por mais tempo à investida numerosa dos selvagens, resolve destruir sua casa para não se render.

O Romantismo foi, sem dúvida, a “apoteose do sentimento”. Em O Guarani, não é difícil perceber essa situação. Não só a história de amor de Isabel e Álvaro nos emociona, como, sobretudo a de Peri e Cecília. Isto sem falar da exaltação de sentimentos como lealdade, nobreza, bravura, honra que caracterizam bem as verdadeiras personagens românticas como é o caso de Cecília, Álvaro, D. Antônio e Peri”

Paralelamente, narram-se também no livro os amores de Isabel, filha natural de D. Antônio de Mariz, e do jovem fidalgo D. Álvaro de Sá. Todos esses fatos são colocados detalhadamente nas quatro partes que compõem o livro.

Senhora

Neste romance urbano de 1875, o autor explora perfis femininos como em Lucíola (1862) e Diva (1864). A temática do romance é o casamento por interesse e a discussão sobre a moral burguesa. Narrado em terceira pessoa, o romance Senhora tem na observação de detalhes exteriores, uma de suas fortes características.

Obra madura, apresenta um Alencar crítico, não só da sociedade como também da própria escola literária vigente: o Romantismo. Em muitos momentos da obra aparecem características que chegam perto das tendências realista e naturalista. É o caso da visão crítica que Aurélia (protagonista) e Seixas demonstram sobre si próprios e o jogo social de personagens de mau-caráter sem que necessariamente tenham de ser punidos. O romance se divide em quatro partes intituladas: O Preço, Quitação, Posse e O Resgate, títulos que já dizem sobre a problemática da contradição ente o dinheiro e o amor desenvolvida no enredo, na medida em que constituem palavras relacionadas às fases de uma transação comercial.

Fernando Seixas, um rapaz pobre, mas ambicioso de subir na escala social, é namorado de Aurélia, moça também humilde e órfão de pai. Passando por apuros financeiros, Seixas aceita, por um dote de trinta contos, a proposta de casamento com Adelaide Amaral. Mas o destino prepara-lhe uma peça: Aurélia, a noiva preterida, recebe uma inesperada herança do avô paterno e torna-se uma das mais disputadas moças do Rio de Janeiro.

Dividida entre o amor e o orgulho ferido, ela encarrega seu tutor, o tio Lemos, de negociar

seu casamento com Fernando por um dote de cem contos. O acordo realizado inclui, como uma de suas cláusulas, o desconhecimento da identidade da noiva por parte do contratado até às vésperas do casamento. Na noite de núpcias Aurélia pôde completar seu plano, humilhando o marido comprado e impondo-lhe as regras da convivência conjugal: em casa seriam dois estranhos; para a sociedade fingiram as felicidades de um casal perfeito. Fernando submete-se às determinações de sua senhora, mas readquire seu orgulho e põe-se a trabalhar para reunir o dinheiro necessário ao seu resgate.

No final, quando devolve o dote a Aurélia, ela lhe mostra o testamento que fizera no dia do casamento, nomeando-o seu herdeiro universal. É a prova do seu amor, Estão ambos redimidos de seus erros. “As cortinas cerram-se, e as auras da noite, acariciando o seio das flores, cantam o hino misterioso do santo amor conjugal.

Lucíola

Na melhor tradição romântica, Lucíola é um livro onde se debatem paixões tórridas e contraditórias. O amor que não resiste às barreiras sociais e morais.

Assim é o romance da bela Lúcia, a mais rica e cobiçada cortesã do Rio de Janeiro, e Paulo, um jovem modesto e frágil. Um romance que sacode a corte e provoca um excitado burburinho na sociedade. De um lado a mulher que, sendo de todos, jurava não se prender a nenhum homem. De outro, o homem em dúvida entre o amor e o preconceito. Alencar utiliza este instigante argumento para descrever a enorme atração física entre um homem e uma mulher. A pena moralizadora do escritor busca a idealização espiritual da prostituta que quer se modificar e a alma pura de Paulo cujo amor arrebatador supera todas as barreiras. Lucíola é um dos mais curiosos trabalhos de José de Alencar, Há nele um clima de sensualidade constante combinado com o ardor e sofrimento, bem no clima da literatura romântica que predominava na segunda metade do século passado quando foi escrito este romance.

Principais obras de José de Alencar:

A Pata da Gazela- Romance. RJ: José Olympio, 1951.

As Minas de Prata- Romance. RJ: José Olympio, 1951.

A Viuvinha. RJ: José Olympio, 1951.

Cinco Minutos. RJ: José Olympio, 1951.

Iracema. RJ: José Olympio, 1951.

Luciola- Um perfil de mulher. RJ: José Olympio, 1951.

O Gaúcho. - Romance. RJ: José Olympio, 1955.

O Guarani. - Romance. RJ: José Olympio, 1955.

Senhora. RJ: José Olympio, 1953.

Bibliografia sobre o autor

BOSI, Alfredo. *Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar*. In: *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

HELENA, Lúcia. *Alencar, o discurso fundador e os pactos de nacionalidades*. In: *Fronteiras do Literário*. Niterói: EDUFF, 1997.

MOREIRA LEITE, Dante. *O caráter nacional brasileiro*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polémicas literárias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.



CASTRO ALVES

CASTRO ALVES

Antônio Frederico de Castro Alves nasceu a 14 de março de 1847 na fazenda Cabaceiras, próximo a cidade de Currálinho, Bahia, hoje Castro Alves. Conhecido como o “Poeta dos Escravos”, por sua obra de cunho político-social em favor da Abolição, morreu de tuberculose em 6 de julho de 1871. Filho do Dr. Antônio José Alves e de D. Clélia Brasília da Silva Castro, passou a infância no sertão e, em 1854, mudou-se com a família para a capital baiana, onde iniciou os estudos.

Em 1859, o poeta perdeu sua mãe e, em 1862, foi com o irmão, José Antônio, estudar em Recife, onde aos 15 anos se matriculava no curso de Direito. Foi aí que, além de iniciar sua carreira poética, começou seu romance com a atriz portuguesa Eugênia Câmara e também percebeu seus primeiros sintomas de tuberculose.

No ano de 1863, Castro Alves publicou A Canção do Africano, seu primeiro poema abolicionista, no jornal acadêmico A Primavera. Nesse período, conheceu Tobias Barreto, a quem tanto admirava e cujas idéias liberais passou a seguir”. Esta obra também consta no livro A Cachoeira de Paulo Afonso, de 1876.

Em 1864, viria a sofrer muito com o suicídio do seu irmão, José Antônio, em Currálinho. Matriculou-se no 1º ano do curso jurídico, redigindo com colegas o jornal O Futuro e escreveu o poema O Tísico, que mais tarde daria o título Mocidade e Morte. Em outubro, voltava à Bahia.

De volta ao Recife, em março de 1865, declamou o poema O Século, na abertura do ano letivo dos cursos jurídicos e começou a elaborar os poemas de Os Escravos. Em 1866, a 23 de janeiro, morria seu pai.

Já no 2º ano de Direito, Castro Alves fundou, com Rui Barbosa e outros colegas, uma sociedade abolicionista e lançou o jornal A Luz. Em 7 de setembro, no Teatro Santa Isabel, declamava, com sucesso, o poema Pedro Ivo.

Em 1867 abandonou definitivamente o Recife e foi viver com Eugênia Câmara no povoado do Barro, Bahia. Em fevereiro do ano seguinte, ainda com Eugênia, veio para o Rio de Janeiro e foi recebido por José de Alencar e Machado de Assis. No mês de março, viajava para São Paulo e se matriculava no 3º ano de Direito.

Em setembro, se consagraria com a declamação de O Navio Negreiro em sessão magna. Já em outubro, mais um sucesso, com a estréia de Gonzaga no Teatro São José. Nessa mesma época, começariam os desentendimentos com Eugênia seguido de separação.

No ano de 1869, voltou ao Rio já profundamente atingido pelo enfraquecimento pulmonar e teve o pé amputado devido a um acidente com arma de fogo durante caçada. Em 1870, voltaria para Bahia e seguiu, a conselho médico, para Currálinho. Terminaria A Cachoeira de Paulo Afonso e lançava Espumas Flutuantes, sua única obra poética publicada em vida. Em 1871, apaixonava-se pela cantora italiana Agnese Trinci Murri. Seu estado de saúde se agravou, vindo a falecer no dia 6 de julho.

A obra de Castro Alves foi fortemente influenciada pela literatura político-social de Victor Hugo. O poeta interessou-se, também, pelo mundo que o cercava e defendeu a república, a liberdade e a igualdade de classes sociais.

A temática que adotou o aproximava do Realismo. Mas sua linguagem repleta de figuras de estilo o enquadrava perfeitamente no movimento Romântico, ainda que sua poesia lírica fosse menos idealizada que a de seus contemporâneos românticos ao apresentar uma mulher mais sensual, mais real.

Principais obras de Castro Alves

Canção do Africano

De um lado, uma negra escrava
Os olhos no filho crava,
Que tem no colo a embalar...
E à meia voz lá responde
Ao canto, e o filhinho esconde,
Talvez pra não o escutar!

“Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!

.....

“Aqueles terras tão grandes,
Tão compridas como o mar,
Com suas poucas palmeiras
Dão vontade de pensar ...

“Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro”.

O escravo calou a fala,
Porque na úmida sala
O fogo estava a apagar;
E a escrava acabou seu canto,
Pra não acordar com o pranto
O seu filhinho a sonhar

O escravo então foi deitar-se,
Pois tinha de levantar-se
Bem antes do sol nascer,
E se tardasse, coitado,
Teria de ser surrado,
Pois bastava escravo ser.

E a cativa desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a beijá-lo,
Talvez temendo que o dono
Não viesse, em meio do sono,
De seus braços arrancá-lo!

Recife, 1863

Navio Negreiro

‘Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

‘Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
— Constelações do líquido tesouro...

‘Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

‘Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

.....
Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar — doudo cometa!
Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviathan do espaço,
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

.....
Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
“Vibrai riço o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!...”

Gonzaga: Sua única peça, concluída em 1867 em homenagem a Tomas Antônio Gonzaga, conhecida também como Revolução de Minas. Reúne os ideais de liberdade – independência e abolição da escravatura – ao amor por Eugênia Câmara, que a protagonizou no palco, no teatro São João, em Salvador. Foi a consagração definitiva do poeta e da atriz.

Um dos personagens de Gonzaga, padre Carlos, coloca a conjuração mineira sob o manto da Revolução Francesa porque “ambas são filhas de Deus”. O sentimento carnal da liberdade está presente em tudo que Castro Alves tocou. Ele que garantia que “a praça é do povo/Como o céu é do condor”, é ainda hoje o cantor, por excelência, do negro escravo e, por extensão, dos oprimidos.

Em 1868, mais uma consagração total do poeta com a declamação do poema Navio Negreiro, em sessão magna. Nesse poema, Castro Alves evoca o sofrimento dos negros na travessia da África para o Brasil.

Espumas Flutuantes: Já em 1870 surgia a edição de “Espumas Flutuantes”, sua obra publicada em vida e revisada pelo autor. O volume contém poesias lírico-amorosas e poesias de caráter épico-social. Ao tratar do amor, Castro Alves refere-se à mulher de forma idealizada, mantendo as tradições do Romantismo, mas destoa do movimento ao buscar o amor carnal, real e tingido com as cores do erotismo.

Boa noite, Maria! Eu vou, me embora.
A lua nas janelas bate em cheio.
Boa noite, Maria! É tarde... é tarde. .
Não me apertes assim contra teu seio. (in “Boa-noite”)

Ainda dentro das produções líricas, o poeta refere-se à natureza que, em seus versos, se torna vibrante e concreta, emoldurada por um sistema dinâmico de imagens que geralmente são tomadas de aspectos grandiosos do universo – o mar, os astros, a imensidão ou o infinito. Devem ser destacados os seus versos de cunho existencial que ganham plenitude quando apregoam o gozo e os prazeres da vida.

“Oh! eu quero viver, beber perfumes
/ Na flor silvestre que embalsama os
ares (...) Morrer... quando este mundo é um paraíso, / E a alma um
cisne de douradas plumas”
(in “Mocidade e Morte”).

Este tipo de poesia marcou um novo momento da literatura romântica no Brasil que, até então, embebia-se no pessimismo da geração do “mal do século”. Também escreveu poesias que valorizavam a técnica e os progressos da humanidade.

Publicações póstumas de Castro Alves:

ALVES, Antônio de Castro. *Obra Completa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.
ALVES, Castro. *Gonzaga ou A Revolução de Minas*. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1944.
ALVES, Castro. *Espumas Flutuantes e outros poemas*. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1999.
ALVES, Castro. *A Cachoeira de Paulo Afonso*. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1944.

Bibliografia sobre o autor:

ZAGURY, Eliane. *Castro Alves: tempo, vida e obra*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1971.
HILL, Telênia. *Castro Alves e o poema lírico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.
SANT’ANNA, Afonso Romano de. *O canibalismo amoroso*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
FRAGA, Myriam; BONITO, Ângelo. *Castro Alves*. São Paulo: Editora Callis, 2001.
FRAGA, Myriam. *Leonida, a musa infeliz do poeta Castro Alves*. Salvador: Editora Casa de Palavras, 2002.
BASTOS, Alcmeno. *Castro Alves e as cartas de José de Alencar e Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.



JOAQUIM NABUCO

JOAQUIM NABUCO

Sou um homem de uma ideia só, mas não me envergonho dessa estreiteza mental porque essa ideia é o centro e a circunferência do progresso brasileiro.¹

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo nasceu em 19 de agosto de 1849 na cidade de Recife, no seio de duas das mais tradicionais famílias ligadas à economia açucareira nordestina e à política imperial. Filho do Senador e Conselheiro José Tomás Nabuco de Araújo, grande personalidade do Partido Liberal em meados do século XIX, e de Ana Benigna de Sá Barreto, tornou-se diplomata, político, orador, poeta e memorialista. Era monarquista, até ser convencido da inevitabilidade do regime republicano no país, e um defensor da causa abolicionista no Brasil, o que lhe valeu a antipatia dos fazendeiros seus contemporâneos. Passou a infância com sua madrinha, D. Ana Rosa Falcão de Carvalho, onde teve contato direto com a crueldade da escravidão, vindo para o Rio de Janeiro em 1857, com a morte desta, para viver com seus pais. Estudou humanidades no Colégio Pedro II, bacharelando-se em Letras.

Em 1866, iniciava seus estudos de Direito na Faculdade de São Paulo, graduando-se, em 1870, no Recife, para onde havia se transferido no ano anterior. Lá, escreveu seu opúsculo *A escravidão*, publicado somente em 1988 pela Fundação Joaquim Nabuco. Este trabalho escandalizou a elite local, na época, por defender um escravo negro que havia assassinado seu senhor. Ao se formar, voltou para o Rio de Janeiro ingressando no jornalismo no periódico *A Reforma*, onde defendia seus princípios monárquicos. Seu primeiro livro - *Camões e os Lusíadas* - foi publicado em 1872. Ainda neste mesmo ano, viajaria pela Europa, fazendo contatos com intelectuais e políticos. Para entrar na carreira diplomática, teve que contar com o apoio de seu pai, obtendo o seu cargo de adido de legação nos Estados Unidos em 1876². Este contato iria lhe proporcionar conhecimentos importantes para o futuro, quando se tornou embaixador naquele país.

Joaquim Nabuco entrou para a política em 1878, eleito deputado geral pela província de Pernambuco, com o apoio do Barão de Vila Bela, chefe do Partido Liberal da província. Essas eleições foram as primeiras promovidas pelos liberais depois de dez anos de poder conservador. Em janeiro de 1878, o Imperador Pedro II convidava o visconde de Sinimbu para formar o novo governo com os liberais. Nabuco, que tinha sua eleição acertada por seu pai com o Barão, vê sua situação ameaçada com a morte do senador Nabuco, pela perda do apoio de alguns dos integrantes do partido. Mantendo sua posição, Vila Bela impôs a inclusão de seu protegido na chapa, onde foi eleito em último lugar³.

Passou a atuar com destaque no Parlamento, local privilegiado da sua luta abolicionista. Junto com outros jovens deputados iniciou uma campanha contra a escravidão. Este movimento tomava forma com a criação da Sociedade Brasileira contra a Escravidão, fundada em 1880, presidida por Joaquim Nabuco e instalada em sua própria residência, que publicava um pequeno jornal chamado *O Abolicionista*. Desafiava, assim, a elite conservadora da época e aprofundava as divergências com o seu partido, inviabilizando sua reeleição. Na sessão legislativa de 1880, Nabuco apresentou um projeto estabelecendo a libertação dos escravos em 1890. Na sessão de 30 de agosto daquele ano, teve aprovado um pedido de urgência para a discussão do seu projeto na Assembléia Nacional, assustando o ministério Saraiva que declarou que iria se retirar do poder caso a Câmara insistisse em legislar neste sentido. Assim, o pedido foi rechaçado,

1 Carta de Joaquim Nabuco ao barão de Penedo, 4 de outubro de 1882. NABUCO. Cartas aos amigos. São Paulo : Instituto Progresso Editorial, 1949, (Obras Completas: XIV)

2 Washington somente tornar-se-ia embaixada em 13 de janeiro de 1905.

3 Cf. VIANA FILHO, Luiz. A Vida de Joaquim Nabuco. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1952.

já que o governo argumentava que tal medida era prematura e inoportuna⁴. Para aqueles que defendiam a escravidão, esta era um mal necessário e provisório. Em dezembro de 1880, Joaquim Nabuco viajou pela Europa, especificamente Londres, Lisboa e Madri, fazendo contatos com simpatizantes da mesma causa abolicionista.

O pensamento político de Nabuco girava em torno da construção da Nação brasileira voltada para uma sociedade democrática, onde a base seriam as relações iguais e livres entre os indivíduos, instituindo uma nova relação de trabalho, que deveria ser livre para promover o desenvolvimento social, político e cultural de um povo. A independência política do país não significou qualquer mudança estrutural na sociedade, permanecendo o regime escravocrata e sob o controle dos mesmos senhores. Para Joaquim Nabuco, a questão abolicionista era central para a solução dos entraves à institucionalização de um sistema nacional que envolveria a sociedade e as formas de exercício e representação do poder político. Como dizia,

*com a escravidão não há governo livre, nem democracia verdadeira; há somente governo de casta e regime de monopólio. As senzalas não podem ter representantes, e a população avassalada e empobrecida não ousa tê-los.*⁵

Para Nabuco, o regime da escravidão trazia em seu interior um caráter extremamente predatório e uma natureza economicamente estagnante, o que não permitia a constituição de um mercado livre, fundamental para o desenvolvimento da nação. Elemento fundador do aparelho produtivo nacional, marcando a constituição das elites brasileiras e a divisão político-administrativa do país, seu fim permitira o impulso necessário para a transformação da sociedade brasileira em direção da democracia.

*Escravidão e indústria são termos que se excluíram para sempre. O espírito da primeira, espalhando-se por um país, mata cada uma das faculdades humanas, de que provém a indústria: a iniciativa, a invenção, a energia individual; e cada um dos elementos de que ela precisa: a associação de capitais, a abundância do trabalho, a educação técnica do trabalho, a confiança no futuro.*⁶

*No Brasil, porém, o abolicionismo é antes de tudo um movimento político, para o qual, sem dúvida, poderosamente concorre o interesse pelo escravo e a compaixão pela sua sorte, mas que nasce de um pensamento diverso: o de reconstruir o Brasil sobre o trabalho livre e a união das raças na liberdade.*⁷

O problema da escravidão era também um problema social, não restrito ao campo político e econômico. Inicialmente mais conservador, o pensador passava para um posicionamento mais radical, exigindo a abolição total e sem indenização, não sendo possível mais a manutenção da escravidão, ainda que provisória. A nação que tentava se formar necessitava de uma reestruturação social que deveria ser logo iniciada.

Em 31 de outubro de 1881 foram realizadas as eleições consideradas as mais livres do Império. Joaquim Nabuco estava na sua viagem pela Europa quando foi aprovada a Lei da Reforma Eleitoral, fazendo com que voltasse para concorrer às eleições. Como não pode disputar a cadeira por sua província, resolveu disputar pelo 2º Distrito da Corte, representando os ideais abolicionistas, sendo derrotado e partindo para um exílio voluntário para Londres, em 1º de fevereiro de 1882. Naquela cidade, trabalhou como advogado e como correspondente

4 ALENCAR, José Almino, SANTOS, Ana Maria Pessoa dos (orgs.). Joaquim Nabuco: o dever da política. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2002, p. 18.

5 NABUCO, Joaquim. O Abolicionista. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999, p. 106.

6 Idem, p. 177.

7 Idem., p. 23.

do *Jornal do Commercio*, além de se dedicar a escrever seu livro *O abolicionismo*, que seria publicado em 1884. Justamente nesse ano, retornou ao Brasil, no mês de maio, convocado por seus amigos para disputar as eleições como representante de Pernambuco na Assembleia Nacional.

Formou-se uma aliança entre os abolicionistas, como Nabuco, Rui Barbosa, Sancho de Barros Pimentel e Gusmão Lobo, e o gabinete Dantas, representada pelos artigos favoráveis a este, escritos no *Jornal do Commercio*. Durante sua campanha, proferiu uma série de conferências no Teatro Santa Isabel e em diversos locais do Recife, combatendo, principalmente, a escravidão. Esses discursos foram reunidos na obra *Campanha abolicionista no Recife*. Joaquim Nabuco saiu vitorioso sobre o candidato conservador, Dr. Manuel do Nascimento Machado Portela. No entanto, sua eleição foi contestada em 1885, pelos conservadores partidários de Machado Portela que diplomaram este como eleito. Por decisão dos chefes liberais Joaquim Francisco de Melo Cavalcanti e Ermírio Coutinho, Nabuco disputaria a vaga de deputado pelo 5º distrito de Pernambuco, formado pelos municípios de Nazaré e Bom Jardim, sendo novamente eleito em 7 de junho de 1885, tomando posse no dia 3 de julho.

No ano de 1887, passou a tentar reanimar o movimento abolicionista, fundando a Sociedade Pernambucana contra a Escravidão, junto com José Mariano. E, novamente viria para a disputa eleitoral, pelo fato de que seu rival Machado Portela, que havia sido nomeado ministro do Império do gabinete Cotegepe, teria que disputar a confirmação da sua cadeira na Assembleia Nacional. Desta vez, Joaquim Nabuco sairia vencedor com 1.407 votos, sendo reconhecido como deputado pela Assembleia Nacional em 5 de outubro de 1887.

No ano seguinte, assumiu o gabinete João Alfredo, tendo o propósito deliberado de abolir a escravatura no Brasil. Apesar de conservador, este gabinete teria o apoio de Nabuco, que deu uma grande contribuição à aprovação da Lei Áurea, finalmente assinada em 13 de maio pela Princesa Isabel. Quando a reação escravocrata se lançou contra João Alfredo, Nabuco veio em sua defesa, realizando, a 22 de maio de 1889, um dos seus mais memoráveis discursos na Câmara dos Deputados. Continuando sua vida política, Joaquim Nabuco seria eleito deputado por Pernambuco, para a última legislatura do Império, sem ir ao Recife e sem solicitar o apoio do eleitorado, já começando um processo de desilusão com os caminhos políticos do país e o temor pela queda da Monarquia, mesmo que a abolição tenha trazido certa popularidade para a Coroa.

Joaquim Nabuco teve como uma das suas maiores contradições a relação do estado monárquico com a escravidão, cujo radicalismo com a causa não se compatibilizava com sua moderação política. A defesa de seus princípios democráticos acabaria por levá-lo ao afastamento político de amigos que lutaram com ele pela abolição, muitos também simpatizantes da causa republicana, afastando-o, também, do jornal *O País*, em janeiro de 1889. Para ele, a monarquia só teve sobrevivência ligada ao fenômeno da escravidão. Em sua base social mais forte, o regime perderia, também, o apoio das forças armadas.

Não há dúvida também que a Monarquia só durou enquanto durou a escravidão.

(...)

Para o fim a instituição estava cansada, mas o que a razão aconselhava era que a dinastia e a força armada se entendessem, se unissem, reciprocamente se apoiassem, animados como eram do mesmo espírito de abnegação e patriotismo. Em vez disto, infelizmente, o Exército preferiu destruir a sua aliada natural e começar sua própria evolução política, perigosa sempre para as instituições militares.⁸

⁸ Joaquim Nabuco. O dever do monarquista. In: Alencar, José Almino. Joaquim Nabuco: O dever da política, p 80-5.

E seria a queda da Monarquia que marcaria o afastamento de Nabuco da militância político-partidária, recusando-se a se candidatar novamente às eleições de 1890, quando enviou mensagem aos seus eleitores pernambucanos, formalizada com sua Resposta às mensagens de Recife e de Nazaré. Havia desistido de lidar com os partidos e voltou-se para o trabalho intelectual e para a família, recém-constituída.

No primeiro semestre de 1891, iniciou sua colaboração com o Jornal do Brasil, que havia sido fundado naquele mesmo ano por Rodolfo Dantas e que contava com alguns defensores da monarquia. E seria deste período até 1899, que Joaquim Nabuco se manteria voltado para a atividade intelectual, escrevendo artigos para jornais e revistas e onde organizaria uma das suas principais obras, a biografia de seu pai - Um estadista do Império, publicado em 1896. Também desta época é o seu livro de memórias, intitulado Minha formação, publicado parcialmente na imprensa e reunido em livro em 1900. Em um ano especialmente rico no campo acadêmico, participaria da fundação da Academia Brasileira de Letras, que teve Machado de Assis como seu primeiro presidente e Nabuco como secretário perpétuo, e ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

No ano anterior de 1895, Joaquim Nabuco escrevera uma série de artigos sobre a guerra civil chilena de 1891, enaltecendo as instituições republicanas no Chile, diferente da sua posição no caso brasileiro. Exaltou a solidez daquele regime, colocado a prova na luta contra a ditadura temporariamente imposta por Balmaceda, admirando-se, ainda, com o caráter democrático das elites daquele país.

Começando a sentir-se incomodado com seu afastamento político, voltaria à cena em 1899, quando aceitou o convite do governo da República de Campos Sales, para defender o Brasil na questão de limites com a então Guiana Inglesa, de que seria árbitro o rei Victor Emanuel da Itália. A partir daí, iniciou um processo de conciliação com a República. O rei Victor Emanuel da Itália deu o laudo arbitral na questão da Guiana Inglesa, dividindo o território disputado em duas partes - 3/5 para a Grã-Bretanha e 2/5 para o Brasil - o que foi considerado por todos, inclusive por Nabuco, como uma derrota para o Brasil.

Em 1890, com a morte do ministro brasileiro na Inglaterra, Sousa Correia, Joaquim Nabuco tornar-se-ia funcionário da mesma República que se opusera, inicialmente como “plenipotenciário em missão especial”, para chefe da Legação em Londres e, finalmente, assumir plenamente a função. Criada a Embaixada do Brasil em Washington, em 1905, Nabuco seria nomeado embaixador do Brasil, apresentando suas credenciais ao presidente Roosevelt, a 25 de maio daquele ano. E como embaixador em Washington ligou-se muito ao governo norte-americano e defendeu uma política panamericana, baseada na doutrina de Monroe. Também viajou bastante pelos Estados Unidos e proferiu dezenas de conferências em universidades americanas.

O americanismo apareceu para Nabuco como uma estratégia para o desenvolvimento nacional e garantir zonas de paz e progresso, a partir de uma aproximação com os Estados Unidos e com países latino-americanos, estruturando-se, assim, um continente rico e livre. Em julho de 1906, Joaquim Nabuco organizou a III Conferência Pan-americana, que foi realizada no Rio de Janeiro e contou com a presença do Secretário de Estado dos Estados Unidos. Permanecendo como embaixador nesse país, Joaquim Nabuco faleceu em 17 de janeiro de 1910, em Washington, seu corpo foi trasladado para o Brasil em grande cortejo fúnebre, sendo enterrado em Recife, sua terra natal.

Principais obras de Joaquim Nabuco

Minha formação. -- Rio de Janeiro: H. Garnier, 1900.

Um estadista do Império, Nabuco de Araújo : sua vida, suas opiniões, sua época. -- Rio de Janeiro: H. Garnier, 1897. 3 v. ;

Fronteiras do Brasil e da Guyana Inglesa : primeira memoria brasileira apresentada em Roma a 27 de fevereiro de 1903 -- Pariz : A. Lahure, 1903. 398 p

O Abolicionista. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.

Campanha de Imprensa (1884-1887). SP: Instituto Progresso Editorial, 1949.

Bibliografia sobre o autor

VIANA FILHO, Luiz. *A Vida de Joaquim Nabuco.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952. 356 p.

VIANA FILHO, Luiz. *Três estadistas: Rui, Nabuco, Rio Branco* / Luis Viana Filho; notas de Eduardo Portella ... et al. -- Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1981. 1218 p.: il. --(Coleção Alma do Tempo; v. 2)

COSTA, João Frank da. *Joaquim Nabuco e a política externa do Brasil.* Rio de Janeiro: Record, 1968.

ALENCAR, José Almino, SANTOS, Ana Maria Pessoa dos (orgs.). *Joaquim Nabuco: o dever da política.* Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2002.

NABUCO, Carolina. *A vida de Joaquim Nabuco, por sua filha Carolina Nabuco.* SP: Cia Ed. Nacional, 1929.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. *As desventuras do liberalismo.* Joaquim Nabuco, a Monarquia e a República. RJ: Paz e Terra, 1984.



PARTE 2

ENTREVISTAS

Entrevista com Myriam Fraga sobre Jorge Amado¹

Gabriela Rizo² - Como se caracterizou a atuação de Jorge Amado no século passado, em uma época historicamente plena de embates entre os diversos projetos de construção nacional?

Myriam Fraga - A atuação do escritor Jorge Amado caracterizou-se por uma intensa participação política iniciada desde o seu primeiro romance, “País do Carnaval”, escrito quando o autor tinha apenas 19 anos.

GR- Como se deu sua relação com a política? Em que momento de sua vida e carreira podemos identificar isto com mais clareza?

MF- Como é de pleno conhecimento, o século XX caracterizou-se por uma intensa movimentação, de grandes mudanças e de transformações, não só no plano político, mas, igualmente, no plano estético.

No Brasil, a luta entre as velhas estruturas de poder e as novas idéias que sopravam da Europa propiciava movimentos como o Modernismo (na literatura) e o liberalismo e o socialismo (na política), criando formas conflitantes que, em determinado momento, vieram a gerar as revoluções de que o século XX, no Brasil, foi muito pródigo.

Jorge Amado participou ativamente das lutas pela construção de uma identidade nacional. A princípio, como membro do partido comunista, de que chegou a ser alto dirigente, e depois, ao desligar-se do partido, através de uma crítica permanente à sociedade burguesa através dos romances em que denunciava a exploração dos grandes proprietários na região do cacau, no Sul da Bahia. Os seus romances da fase urbana buscam descrever a vida do povo humilde de Salvador, com seus costumes, suas lutas, suas aspirações.

GR- Quais as principais obras que ele escreveu, na sua opinião? Por quê?

MF- Entre as principais obras de Jorge Amado gostaria de destacar “Jubiabá”, “Gabriela”, “Tenda dos Milagres”, “Tocaia Grande”, “Capitães da Areia”, romances que retratam a construção de uma epopéia – caso dos romances da região do cacau – e um panorama da vida na Bahia,— com ênfase para a mestiçagem,— como um modelo de interpretação de nossa realidade.

GR- Qual a distinção entre suas fases literárias? Como podemos atrelá-las ao momento histórico então vivido e ao pensamento político do autor?

MF- Alguns críticos costumam distinguir duas fases na obra de Jorge Amado: antes e depois de Gabriela, embora o autor sempre recusasse esta divisão. Nos romances anteriores a Gabriela havia um comprometimento maior com os modelos dos romances sociais, muito utilizados pelos autores dos chamados anos 30, que criaram inclusive uma nova estética, voltada para assuntos e temas intimamente ligados ao regionalismo.

A partir de Gabriela, o universo ficcional de Jorge Amado amplia-se e se enriquece não só pela diversidade de temas, como em função de maior domínio da técnica narrativa. É a fase mais madura, mais intensamente humanista e mais universal.

¹ Myriam Fraga foi membro da Academia de Letras da Bahia desde 1985. Dirigiu a Fundação Casa de Jorge Amado desde que foi instituída em 1986, escreveu para o Jornal A Tarde, através da coluna Linha D'Água, espaço reservado para assuntos relacionados à vida cultural de Salvador. Sobre Jorge Amado, escreveu o livro *Jorge Amado* pela Editora Moderna, e volume da coleção Crianças Famosas da Editora Callis. Faleceu em Salvador, no ano de 2016.

² Texto e entrevista realizada por Gabriela Rizo- Foi pesquisadora Associada do LPPE/UERJ, professora adjunta do Instituto Multidisciplinar da Baixada Fluminense- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutora em Psicologia Social e mestre em História Social da Cultura.

GR- Qual é, para você, a efetiva contribuição de Jorge Amado na construção da nacionalidade brasileira?

MF- Jorge Amado pertence a uma geração de escritores que viveram intensamente a realidade brasileira através de seus contratos, inclusive com intensa participação política, como foi o Caso de Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego; coincidentemente, autores do nordeste, uma das regiões economicamente mais pobres do Brasil e que, no entanto, revelam um grande patrimônio cultural.

A obra de Jorge Amado, ao retratar a realidade política da exploração e do latifúndio exercida pelos “coronéis”, do mesmo modo que sua posição em defesa da herança cultural africana, como uma das matrizes de nossa formação, vem contribuindo para uma melhor compreensão da nacionalidade e pela conseqüente construção do homem brasileiro.

GR- Qual a importância para os jovens do nosso tempo em conhecer a vida e obra deste intelectual?

MF- Repito as mesmas palavras que usei para Castro Alves, acrescentando que, ao fornecer um modelo para a “civilização baiana”, Jorge Amado valeu-se de arquétipos e mitos que povoavam a imaginação dos brasileiros e que muitas vezes eram negados ou escamoteados por ignorância ou preconceito.

Entrevista com Prof. Dr. Antonio Edmilson Martins Rodrigues sobre José de Alencar³

Jacqueline Ventapane⁴ - Escritor de romances e peças para o teatro, advogado e político, usando todos os instrumentos que possuía nessas atividades voltados para pensar um projeto para o país, como se caracterizou a atuação de José de Alencar nos anos do século XIX, uma época rica nesses projetos de construção nacional?

Antonio Edmilson Martins- José de Alencar atuou em todas as questões políticas do século XIX, desde a fundação do romantismo brasileiro de cunho historicista, onde sua obra se encaixa como a de um historiador que faz os primeiros “retratos do Brasil”, fugindo ao elogio da natureza e descortinando o sentido do homem nas cores. A outra atuação se deu no mundo da política imperial como legislador e Ministro da Justiça, quando apresentou projetos que iam da questão dos partidos até a organização de um novo sistema eleitoral. Seus comentadores, como Wanderley Guilherme dos Santos, acentuam sua importância como formulador de teoria para a eliminação dos equívocos do liberalismo na época. Por fim, agiu como panfletário, ao lado de seu irmão, criticando a política de D. Pedro II, demonstrando as mazelas e os gastos excessivos de sua atuação. Em cada um desses campos de atuação sempre teve como horizonte a formação de uma nação singular, portadora de um sentido novo, diferente do que havia em outros lugares, que era a utopia alencariana do Novo Mundo.

JV- Como se deu a relação da literatura com a política? Em que momento ela se torna mais identificável?

EM- A literatura, para Alencar e também Machado de Assis, era a referência de uma nação civilizada. Desse modo, a literatura exercia um papel de formação política, social e histórica; ela interpretava o passado ao colocá-lo diante do presente. Alencar reunia o escritor ao político, pois tinha consciência do papel e da função da política. Sua experiência política caminhava junto com a sua produção literária. O momento mais significativo é o de sua ação de crítico do regime imperial, quando se afasta dos conservadores e dos liberais e se torna um Iracema.

JV- Quais são suas principais obras?

EM- Eu destaco suas obras que considero notáveis entre outras tantas que Alencar produziu. Esse destaque fica por conta de serem obras que tinham um sentido histórico vinculado à nacionalidade. São elas: O Guarani e Iracema.

JV- Qual a distinção entre as suas fases – o romance indianista, o histórico, o urbano, o regionalista?

EM- Eu não gosto dessas divisões, periodizações, porque elas prendem o autor e ele não pode ser estudado enquanto produtor e artista. Para a História e a Literatura, as fases são modos de

³ Livre-Docente em História do Brasil pela UERJ. Professor Associado da PUC-Rio e professor adjunto na UERJ. Publicou o livro *José de Alencar: o poeta armado do século XIX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

⁴ Doutora em Ciência Política pela UFF. Foi coordenadora executiva do LPPE por 20 anos. Atualmente é pesquisadora associada deste laboratório.

contextualizar que sempre prejudicou o entendimento do autor e da obra. Eu diria que essas “fases” evidenciam o processo de formação intelectual e política de Alencar. Cada uma destas constitui uma parte do grande diagnóstico que Alencar faz da Pátria Brasil, respondendo a pergunta central de sua geração “o que é o Brasil?”.

JV- José de Alencar atribuiu a sim mesmo a construção de uma nação moderna, com um olhar voltado para a natureza. Qual sua importância efetiva na construção da nacionalidade brasileira?

EM- Eu não concordo que Alencar olhe a natureza. Ele olha de um lugar novo que é a cidade e através da consciência que tem dos seus atos. Esse é o modo que lhe permite pensar a nação moderna como singular. Sua importância está em antes de definir a nação, fazer um diagnóstico do que era o Brasil. É um modo de pensar a nação através do que ela tem de tradições e não julgá-la por aquilo que ela não possui em relação às nações já construídas.

JV- Qual a importância para os jovens do nosso tempo em conhecer suas obras?

EM- Os livros de Alencar são um retrato do Brasil do século XIX e é desse modo que os jovens podem se aproximar de Alencar. É preciso mostrar o lado da política no autor.

Entrevista com Myriam Fraga sobre Castro Alves

Gabriela Rizo - Como se caracterizou a atuação de Castro Alves no século XIX, em uma época rica em projetos de construção nacional?

Myriam Fraga- A atuação de Castro Alves, no século XIX, caracterizou-se por uma intensa participação em favor dos ideais da abolição da escravatura. Essa atuação se fez sentir não só através de sua poesia, em grande parte inspirada no tema da liberdade mas, igualmente, na organização de Sociedades Abolicionistas e nos discursos em praça pública. Não só em Salvador, mas também em Recife, onde cursou a Faculdade de Direito, no Rio de Janeiro e, principalmente, em São Paulo, onde fez parte de um grupo de abolicionistas reunidos em torno da Faculdade de São Francisco, centro aglutinador da juventude idealista e de intelectuais unidos em defesa dos escravos.

GR- Como se deu sua relação com a política? Em que momento de sua vida e carreira podemos identificar isto com mais clareza?

MF- Não sei se poderemos falar em carreira. A vida de Castro Alves, que morreu aos 24 anos, foi mais uma passagem meteórica do que uma carreira, no sentido que usamos hoje. Nem mesmo chegou a formar-se, pois a tuberculose que o acometeu ainda muito jovem e a vida intensamente boêmia que levava, além da dedicação à criação poética, não lhe permitiram realizar um projeto de vida.

Sua relação com a política deu-se ao tomar conhecimento da situação vivida pelo país, quando sua posição, contrária ao escravismo, fez com que ele resolvesse lutar pelos ideais da abolição. Não houve uma relação, digamos, formal, nunca teve uma atuação político-partidária. Era um agitador, usando suas armas, que eram a eloquência e a poesia, em defesa de um ideal.

GR- Quais as principais obras que ele escreveu, na sua opinião? Por quê?

MF- Castro Alves publicou apenas um livro em sua curta vida, “Espumas flutuantes”, que é muito mais um “testamento lírico” como o classificou Eugenio Gomes, com muita propriedade. Os grandes poemas abolicionistas como “Os Escravos”, “A Cachoeira de Paulo Afonso” e outros poemas que fazem parte de sua obra completa, só seriam publicados após a sua morte.

GR- Qual a distinção entre suas fases literárias? Como podemos atrelá-las ao momento histórico então vivido e ao pensamento político do autor?

MF- Em nossa opinião, Castro Alves não teve fases literárias propriamente. Sua criação poética oscila entre dois pólos: os poemas líricos e a poesia social. Mas não podemos separar em fases – são temas. Sua genialidade, expressa em tão pouco tempo de vida, não permite que se compartimentalize sua produção em fases porque na verdade não houve tempo para uma maior cristalização.

GR- Qual é, para você, a efetiva contribuição de Castro Alves na construção da nacionalidade brasileira?

MF- Ao fazer uma poesia revolucionária, e não só no plano da intenção, mas também na

maneira como serviu-se de seu talento para informar, influenciar e delatar um processo espúrio da política da época, do atraso do Império em resolver questões que colocavam o Brasil em situação desconfortável em relação às mudanças que se operavam no mundo, ele foi um agente efetivo na construção de um novo pensamento nacional. Sendo um poeta romântico (da escola romântica) ele transcende os limites do romantismo criando uma postura nova de construção do poema.

GR- Qual a importância para os jovens do nosso tempo em conhecer a vida e obra deste intelectual?

MF- O conhecimento da história de seu país, com seus acertos e seus erros, podem tornar os jovens mais conscientes e mais eficientes no julgamento dos acontecimentos. Os poetas, são uma espécie de ponte sensível entre o mundo e os indivíduos. Conhecer a obra de um poeta, de um criador, principalmente se este criador teve uma influência positiva nas lutas de seu tempo, pode ser um bom motivo para que se procure cada vez mais difundir entre os jovens o gosto pelo conhecimento do passado e das grandes obras que esses criadores deixaram como testemunho de sua atuação.

Entrevista com Prof^a. Dr^a. Maria Emília da Costa Prado sobre Joaquim Nabuco⁵

Jacqueline Ventapane - Como se pode caracterizar a atuação política de Joaquim Nabuco, iniciada em 1878, dentro de uma década de consolidação das fronteiras físicas do país e de construção das suas bases institucionais, até seu término com a Proclamação da República em 1889?

Maria Emília - Joaquim Nabuco caracterizou-se por ser um reformador social, dando prosseguimento a muitas das questões levantadas por José Bonifácio, nos momentos iniciais de construção do Estado no Brasil. Avesso ao cotidiano da política, sentia atração pelas disputas partidárias. Interessava-se pelos temas mais amplos, como os referentes à questão nacional. Nesse sentido, suas reflexões e suas ações políticas estiveram direcionadas para a questão abolicionista. Vira no abolicionismo uma cruzada moderna.

Na política, Joaquim Nabuco foi, antes de tudo, um apaixonado. Interessava-o ver implantado no Brasil um sistema político moderno e constituído por instituições sólidas, porém democráticas. Lutara não apenas pelo fim da escravidão, mas também para que os ex-escravos fossem integrados ao país, na condição de cidadãos ativos, detentores dos direitos de cidadania plena. Procurara, através da política, abraçar todas as causas que se fizessem necessárias para se construir no Brasil um Estado Nacional moderno, com uma população integrada e dotada de direitos como educação, saúde, previdência, trabalho, entre outros.

Esses primeiros tempos de atividade parlamentar foram intensos e neles Nabuco pôde apontar as mazelas brasileiras responsáveis pela incapacidade do país em ser uma nação liberal e democrática. Solicitou, em agosto de 1880, urgência para apresentar um projeto de lei que tinha por fim definir formas de extinguir a escravidão. Mas o projeto não chegou a ser discutido, sendo repellido com entusiasmo.

Em razão da negativa da câmara em discutir a proposta, procurava Joaquim Nabuco sugerir a adoção de outras medidas como proibição do tráfico interprovincial de escravos; fechamento de todos os mercados de escravos; novos impostos sobre o aluguel de escravos etc.

A defesa da causa abolicionista custou a Nabuco sua não reeleição. Assim, após a derrota eleitoral sofrida em 1881, Nabuco retornou a Londres, onde trabalhou como correspondente do *Jornal do Comércio*. Redigira ali aquele que se constituiu no mais destacado libelo contra a escravidão, *O Abolicionismo*.

Pouco a pouco o cenário se tornava, no entanto, mais favorável à causa abolicionista. A campanha começou a envolver os habitantes dos principais centros urbanos do império e ganhava as ruas. Declarando-se candidato às eleições de 1884, Nabuco fazia dos seus discursos de campanha um instrumento a favor da abolição. Procurou mobilizar a população, principalmente a dos grandes

⁵ Professora aposentada de História do Brasil Império da UERJ com a tese apresentada *Intelectuais do Império do Brasil. Joaquim Nabuco: pensamento e ação política*. Publicou as seguintes obras sobre o autor: *Joaquim Nabuco. A Política como Moral e como História*. Rio de Janeiro: Editora do Museu da República, 2006. *Os impasses da Cidadania Os impasses da cidadania no Brasil (1870-1902)*. Rio de Janeiro: Revan/Faperj, 2005. *Escravidão, pensamento político, intelectuais: considerações de Joaquim Nabuco sobre o tráfico de escravos no opúsculo. A escravidão. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: v.165, n.424, p.235-47. 2004. *A Questão Liberal no Brasil do século XIX. Análise política e considerações sobre o projeto de mudanças proposto por Joaquim Nabuco. Comunicação e Política. Rio de Janeiro, v.IX, p.91-104, 2002*. Atualmente pertence ao quadro de professores colaboradores do PPGH/UERJ

centros urbanos, em especial a do Recife, para atuar como força de pressão junto ao parlamento e ao executivo. Por esta época, Nabuco já não mais acreditava que a abolição poderia ser feita no parlamento. A experiência em sua passagem anterior pelo legislativo foi suficiente para mostrar que, sem transformar o abolicionismo num movimento mais amplo, a questão escravista não seria resolvida. Por fim, desejava se eleger com o apoio da população urbana do Recife, para exercer um mandato dedicado à luta abolicionista.

JV- E como Joaquim Nabuco passou a atuar após seu afastamento da militância político-partidária?

ME- Com o estabelecimento do governo republicano, optou por se afastar da vida política, ainda que não da vida pública. Passou a atuar como publicista, redigindo artigos onde procurava demonstrar a superioridade do regime monárquico. Mantinha inalterada sua posição de crítica aos erros do imperador, mas isso não o impedia de permanecer considerando a monarquia uma forma de governo superior à república. Além da convicção de que a monarquia estava mais bem aparelhada para manter a ordem e a um só tempo viabilizar as reformas políticas e sociais, Nabuco estava convencido de que a república no Brasil não se vinculava às forças mais democráticas da sociedade brasileira, e sim às mais conservadoras. Estava certo de que foram as leis de 18 de setembro de 1871 e de 13 de maio de 1888 que fizeram surgir as legiões de políticos contrários à monarquia.

Durante os anos em que se afastou da vida política, além de atuar como publicista, redigiu aquela que se tornaria uma das obras-primas da historiografia brasileira: a biografia de seu pai. *O Estadista do Império*. Com dificuldades financeiras crescentes, Nabuco tentou com a ajuda de amigos advogar em Londres. Ali permaneceu como correspondente de jornais até que retorna em definitivo ao Brasil em 1892 indo residir na casa de um tio de sua mulher, momento em que terminou a redação da biografia de seu pai.

Procurava se manter distante da política, mas isto nem sempre era possível. Em setembro de 1893, o país assistia aos episódios da “revolta da armada”, dirigida pelo ex-ministro da Marinha do governo Floriano, Custódio de Melo.

Vencida a rebelião, esvaíam-se os sonhos de restauração monárquica. Saldanha da Gama, o amigo que conhecera há mais de vinte anos estava morto. Apesar dos confrontos e dos boatos de que os militares se perpetuariam no poder, o governo retornou aos civis e Prudente de Moraes foi empossado. Nabuco, que pouco a pouco voltava a se interessar pela política, aceitou o convite feito por José Carlos Rodrigues para escrever no *Jornal do Comércio*.

A saída dos militares do poder com a entrega do governo aos civis, aliada ao fato de serem os homens que se encontravam à frente do governo velhos conhecidos dos tempos de academia em São Paulo, fizeram com que Joaquim Nabuco revisse seu posicionamento diante da república. Passou a adotar, então, uma nova postura, classificada por ele como de apoio crítico e condicional. Por outro lado, passados dez anos de regime republicano, ninguém mais acreditava ser possível a recondução da monarquia. A diplomacia foi o caminho que lhe pareceu o mais apropriado para seu retorno à política. Dessa forma, resolveu aceitar o convite feito por Campos Sales para chefiar a delegação brasileira no litígio com a Grã-Bretanha, a respeito das fronteiras com a Guiana Inglesa.

O trabalho que preparou em defesa dos direitos do Brasil resultou no livro *O Direito no Brasil*. Para a elaboração desta defesa, Nabuco teve que se dedicar a um estudo mais detalhado da geografia da região e, com esta finalidade, preparou a primeira das memórias que compuseram a obra.

Em 24 de maio de 1905, Joaquim Nabuco apresentava suas credenciais ao presidente Theodore Roosevelt. Ao pan-americanismo, dedicou Nabuco seu trabalho na Embaixada Americana. Deve-se a ele a escolha do Rio de Janeiro para ser a sede da 3ª Conferência Pan-Americana, na qual foi intensa sua atuação. Posicionou-se favoravelmente diante da proposta norte-americana de criação de um *tribunal arbitral americano* destinado a resolver os litígios que ocorriam no continente americano.

Decorreu da Conferência realizada no Rio de Janeiro o lançamento da pedra fundamental, em 11 de maio de 1908, do edifício que é hoje a sede da Organização dos Estados Americanos.

JV- A seu ver, quais são suas principais obras?

ME- A obra mais conhecida é *O Abolicionismo*. Mas a meu ver são fundamentais para se conhecer o pensamento de Nabuco e seu projeto para o Brasil o opúsculo *A Escravidão* e os discursos pronunciados e reunidos na obra *Campanha Abolicionista no Recife*. Eleição de 1884.

JV- O que as caracterizam como representativas do conjunto de seus escritos?

ME- Em *A Escravidão*, encontramos uma análise extremamente apurada do significado da escravidão no mundo moderno atentando especialmente para o papel desempenhado pelo tráfico de escravos. *O Abolicionismo* é a obra síntese do pensamento de Nabuco. É também o livro em que ele de forma simples e clara explica como, a seu ver, a escravidão se constituía no Brasil como um sistema que impedia o país de construir uma nação integrada nos moldes liberais e democráticos.

JV- Tratando de temas relacionados à edificação de uma nação brasileira, e na América do Sul em geral, e da extensão da sua cidadania representada na luta contra a escravidão, como podemos situar sua importância para a construção da nossa nacionalidade?

ME- O projeto formulado por Joaquim Nabuco tinha o objetivo de tornar o Brasil uma nação moderna e dotada de sólidas instituições, capazes de garantir que a liberdade vigorasse em sua plenitude. O projeto apresentado não podia ser mais amplo. Era destinado a produzir uma verdadeira revolução no cenário político e social do Brasil do final do século XIX.

Defendia Nabuco que competia ao Estado cuidar do estabelecimento de um sistema educacional eficiente e que atendessem à população do império. Igualmente, competia-lhe criar um sistema de saúde e previdência eficientes. Além disso, ao Estado cabia facilitar o crédito destinado a diversificar as atividades produtivas. Não descuidava Nabuco da extensão dos direitos políticos e da abertura do sistema monárquico centralizador às demandas provinciais.

Joaquim Nabuco produziu, assim, um dos diagnósticos mais completos da realidade brasileira

no século XIX. Recusando-se a discutir apenas as questões do ponto de vista do sistema ou das instituições políticas, Joaquim Nabuco optou por expor os obstáculos estruturais à implantação, no Brasil, de uma ordem liberal e democrática.

JV- Qual a importância para os jovens do nosso tempo em conhecer suas obras?

ME- Através do seu pensamento e de sua ação na vida pública brasileira, Joaquim Nabuco se tornou o pensador que produziu o diagnóstico mais denso da realidade brasileira, além de um projeto de mudanças revolucionário para a época. Não havendo condições históricas para sua efetivação, o Brasil viu persistirem ao longo do século XX muitas das mazelas indicadas por Nabuco. E dessa forma, seu pensamento pode contribuir para iluminar algumas situações políticas e sociais que ainda se fazem presentes no Brasil, neste alvorecer do século XXI.

ESCRITORES BRASILEIROS

JOSÉ DE ALENCAR JORGE AMADO CASTRO ALVES JOAQUIM NABUCO

